



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_10/2017

Homilia na Vigília Pascal

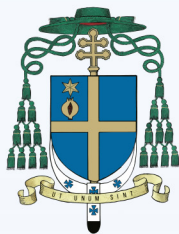
Braga, Sé Catedral, 15.abr.2017, 21h

Urgência de um Deus vivo

Nesta Vigília Pascal, penso na multiforme crise epocal que atinge diversos sectores. Refiro-me, de modo particular, ao plano relacional, social e espiritual. Crises que, em larga medida, estão interligadas e concorrem para um cenário mais complexo. A crise de fé decorre, como sabemos, de um vazio espiritual que, por sua vez, é consequência de uma indiferença em relação a Deus. Quais as razões para uma mudança tão drástica e repentina? Ainda não há muitos anos, vivíamos um período harmonioso e equilibrado de ritmos de vida, relações interpessoais e a fé era uma das chaves de leitura da realidade. Hoje tudo é diferente. A sociedade não quer aceitar a vertente religiosa da vida e, em vigília pascal, é bom que nos interroguemos sobre a razão de todo este mundo diferente. Parecem-me, por isso, razoáveis as palavras de Nietzsche que intuiu este drama da sociedade secularizada. “Para onde foi Deus? Quero-vos dizer. Foste vós a matá-Lo: vós e eu. Somos nós todos os seus assassinos”.

São palavras duras e que nos atingem como espadas afiadas. Não adianta procurarmos explicações em factores externos: uma vida social frenética, relações interpessoais alienantes e conflituosas, mal-estar pessoal ou falta de determinação dos agentes educativos. A causa deve ser procurada no interior, isto é, nos nossos comportamentos afectivos e volitivos que criam relações com o mundo e com as pessoas. Também a comunidade eclesial não testemunha Deus vivo. A morte de Deus passa por cada um e cada um deverá fazer a sua parte para que Ele permaneça no mundo. Proclamamos, pela fé, a Sua ressurreição e sabemos que passou da morte à vida. Com Ele, e por causa d’Ele, teremos de dar este salto. Permitam-me usar uma analogia sugestiva. A morte de Deus e a nossa insatisfação existencial é comparável a cair num poço profundo. Uma vez no fundo, encontramos-nos sozinhos, gritamos e não somos ouvidos. Se por acaso alguém nos ouve, a nossa voz é disforme e ninguém nos percebe. Para sairmos tem de haver um acto de confiança mútua e amarrarmo-nos a uma mão que vem do Alto.

Esta *mão* que nos resgata da ausência de sentido é a mão de Deus. É, por isso, grande a responsabilidade dos crentes na formação da consciência colectiva. Testemunhar a presença de Deus, abrir caminho a uma aliança entre Deus e a Humanidade e ser um inequívoco sinal de esperança, eis a nossa missão. Cristo venceu a morte, ressuscitou e rasgou o céu da esperança. A mão de Cristo permanece sempre estendida. Estendida a todas as situações de sofrimento humano, a todas as misérias e dramas. Estendida a todo o “poço” fundo, a toda a voz inaudível e a todo o rosto disforme. É a mão que nos ampara, que nos acompanha no atravessar da ponte para a margem da vida. Com Cristo ressuscitado, nenhuma noite mantém a sua escuridão. Logo vem a aurora e regressa a alegria.



Uma alegria que, como imaginamos, temos a responsabilidade, enquanto crentes, de a comunicar e anunciar a todas as nações.

Celebramos há dias os 40 anos da encíclica *Populorum Progressio*. Nela, o Papa Paulo VI deixa-nos um pensamento inquietante. “O homem – diz o Papa – pode organizar a terra sem Deus, mas sem Deus ele só a organizará contra o homem”. Ainda não aprendemos esta lição. Importa que os cristãos consigam manter viva a fé em Deus. É a sua primeira responsabilidade! Não se condena quem vive sem Deus mas responsabiliza-se os cristãos para que Deus regresse ao coração da sociedade.

Proclamemos o primado de Deus, opondo-nos ao mal, dentro e fora de nós. Perseveremos no bem, abrindo-nos a todos com gratuidade e sem desconfiança. Demos espaço à diversidade e testemunhemos, com alegria, o espírito de solidariedade e de partilha. Isto é o verdadeiro desafio lançado pela Páscoa. Não desfiguremos o seu significado original. Deus ressuscitou para permanecer vivo. E os cristãos devem mostrá-lo.

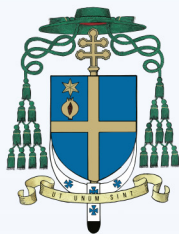
Cada cristão é um sinal de esperança e um sinal de contradição. Vive muitas vezes em contracorrente, não aceitando a cumplicidade com o mal que encontramos no silêncio perante tantas situações de injustiça, apatia e indiferença. Sabemos como se deixam correr situações e são encobertas por subtis auto-justificações características de quem diz “não depende de mim”, que “posso eu fazer?”, “que pensem os outros...”. São estratégicas, talvez inconscientes, para encobrir a nossa inércia.

O primeiro e principal gesto de abertura a Deus é o nosso consentimento. Assim o aprendemos de Maria. No dia em visitou Isabel, Maria ouviu que era feliz porque se cumpriria tudo o que foi dito da parte do Senhor. Recordou-se do seu encontro com o anjo Gabriel, recordou-se do seu consentimento “faça-se em mim segundo a tua palavra” e então exclamou: “a minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador” (Lc 1,46-47). Na sua pessoa, a Palavra de Deus ganhou vida e por isso proclamou o que Deus nela realizou.

Muitas vezes questionamo-nos sobre a presença de Deus na nossa vida. Como é que O reconhecemos? É a serenidade de Deus que lhe permite “guardar todas estas coisas no seu coração” (Lc 2,51). Assim deve acontecer connosco. A vida encerra tantas coisas maravilhosas que devemos contemplar. Não sejamos pessimistas. Mostremos como Deus nos encheu com a Sua presença.

Olhamos para Maria como a primeira discípula e aquela que nos explica o coração de Deus. É por isso que a devoção mariana é tão importante. Devoção é diferente do devocionismo, isto é, aqueles gestos de fé inconscientes e quase mágica. A devoção é, pelo contrário, um sinal da fé madura, um movimento do espírito que nos faz aproximar, de modo consciente e maduro, de Maria para, com ela, caminharmos para Cristo. Na devoção mariana aproximemo-nos de Deus e que Maria nos conduza a mostrar que a nossa alegria está em viver e conviver.

Que Maria nos aponte o Ressuscitado e conduza o nosso entendimento e coração para o projecto de salvação de Deus. A ela, enquanto Arquidiocese de Braga, e em ano mariano, fazemos, nesta noite, a nossa consagração para que sejamos, nas nossas vidas e nas comunidades, testemunho eloquente de



um Deus vivo porque passou pela morte para viver na Ressurreição.

Uma Santa Páscoa para todos.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*